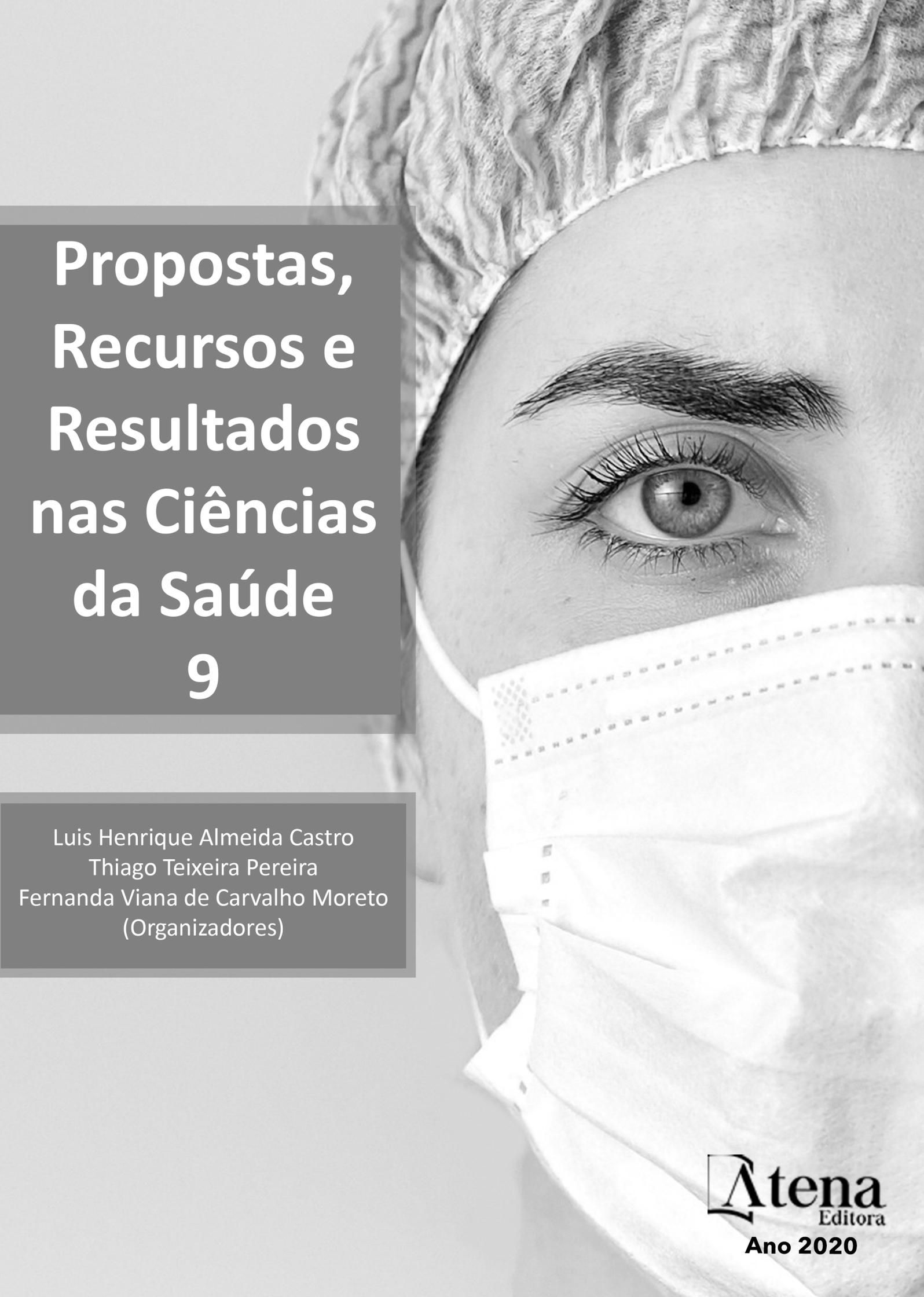


Propostas, Recursos e Resultados nas Ciências da Saúde

9

Luis Henrique Almeida Castro
Thiago Teixeira Pereira
Fernanda Viana de Carvalho Moreto
(Organizadores)

 **Atena**
Editora
Ano 2020



Propostas, Recursos e Resultados nas Ciências da Saúde

9

Luis Henrique Almeida Castro
Thiago Teixeira Pereira
Fernanda Viana de Carvalho Moreto
(Organizadores)

 **Atena**
Editora
Ano 2020

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Natália Sandrini de Azevedo

Edição de Arte: Luiza Batista

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros

Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Luis Ricardo Fernando da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Fernando José Guedes da Silva Júnior – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Prof^a Dr^a Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^a Dr^a Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof^a Dr^a Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof^a Dr^a Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof^a Dr^a Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof^a Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof^a Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof^a Dr^a Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof^a Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Prof^a Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof^a Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof^a Dr^a Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Prof^a Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof^a Ma. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco

Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
 Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
 Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
 Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
 Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
 Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
 Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
 Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
 Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
 Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
 Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
 Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
 Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
 Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
 Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
 Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
 Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
P965	<p>Propostas, recursos e resultados nas ciências da saúde 9 [recurso eletrônico] / Organizadores Luis Henrique Almeida Castro, Thiago Teixeira Pereira, Fernanda Viana de Carvalho Moreto. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-5706-129-9 DOI 10.22533/at.ed.299202306</p> <p>1. Ciências da saúde – Pesquisa – Brasil. 2. Saúde – Brasil. I. Castro, Luis Almeida. II. Pereira, Thiago Teixeira. III. Moreto, Fernanda Viana de Carvalho.</p> <p style="text-align: right;">CDD 362.1</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Segundo Bachelard, “um discurso sobre o método científico será sempre um discurso de circunstância, não descreverá uma constituição definitiva do espírito científico”; considerando a amplitude dessa temática, uma obra que almeje lançar foco em propostas, recursos e resultados nas ciências da saúde, naturalmente terá como desafio a caracterização de sua abordagem metodológica. Neste sentido, este e-Book foi organizado de modo a apresentar ao leitor 171 artigos seriados justamente por este elo comum que une, na ciência, a proposta (objetivo), o recurso (viabilidade) e o resultado (evidência): o método de pesquisa per si.

Dos seus nove volumes, os dois primeiros são dedicados aos relatos de caso, relatos de experiência e de vivência em saúde apresentando aspectos da realidade clínica, cultural e social que permeiam a ciência no Brasil.

Já no intuito de apresentar e estimular o diálogo crítico construtivo, tal qual o conhecimento dos recursos teóricos disponíveis frente aos mais variados cenários em saúde, os volumes três, quatro e cinco exploram estudos de revisão da literatura que discutem o estado da arte da ciência baseada em evidência sugerindo possibilidades, hipóteses e problemáticas técnicas no intuito de delimitar condutas para a prática clínica.

Por fim, os volumes de seis a nove compreendem os resultados quali e quantitativos das mais diversas metodologias de intervenção em saúde: estudos comparativos, ensaios clínicos e pré-clínicos, além de ações em políticas públicas na área de saúde coletiva.

Com a intelecção dos tópicos tratados nessa obra, espera-se – tanto quanto possível – contribuir no processo de ampliação, fundamentação e fomento da discussão e reflexão científica na interface entre propostas, recursos e resultados nas Ciências da Saúde.

Luis Henrique Almeida Castro

Thiago Teixeira Pereira

Fernanda Viana de Carvalho Moreto

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
PERFIL DO CONSUMO ALIMENTAR DE ESTUDANTES DO CURSO DE NUTRIÇÃO DE UM CENTRO UNIVERSITÁRIO EM MACEIÓ-AL	
Eliane Costa Souza Karen Bastos de Amorim Bruna Cavalcante Figueira Mariana Kerley da Silva Duarte Igor Galvão de Almeida Marques Mirelly Raylla da Silva Santos Giane Meyre de Assis Aquilino	
DOI 10.22533/at.ed.2992023061	
CAPÍTULO 2	11
PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO DE ÓBITOS POR NEOPLASIAS MALIGNAS EM AUTOPSIADOS NO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO	
Priscila Angélica Seiko Sato Lisie Tocci Justo Luvizutto	
DOI 10.22533/at.ed.2992023062	
CAPÍTULO 3	23
PESQUISA DE <i>Acanthamoeba</i> spp. NA ÁGUA E NA HIGIENIZAÇÃO DAS MÃOS	
Veridielza Buginski Lemes Leonilda Correia dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.2992023063	
CAPÍTULO 4	30
POLITRAUMATIZADO EM CHOQUE MEDULAR POR TRAUMATISMO RAQUIMEDULAR	
Kennet Anderson dos Santos Alvarenga Rubia Soares de Sousa Gomes Tony Carlos Rodrigues Junior Larissa Gabrielle Rodrigues Luiza Gomes Santiago Thaís Ferreira Perigolo Débora Nagem Machado Clarice Maria Fonseca Leal Letícia Luísa Mattos Emanuel Costa Sales Juliana Pires José Fernanda Alves Luz	
DOI 10.22533/at.ed.2992023064	
CAPÍTULO 5	36
PRÁTICAS INTEGRATIVAS E COMPLEMENTARES NA UNIVERSIDADE: EXTENSÃO COM ATENDIMENTO AMBULATORIAL PARA PROMOÇÃO DA SAÚDE MENTAL	
Ana Vitória Rodrigues de Sousa Fernandes Juania Lima Oliveira Paula Matias Soares Daniele Vasconcelos Fernandes Vieira	
DOI 10.22533/at.ed.2992023065	

CAPÍTULO 6	42
PREVALÊNCIA DE QUADRO DEPRESSIVO ENTRE ESTUDANTES DE MEDICINA DA FACULDADE DE MEDICINA DE MARÍLIA	
Fernanda Yukari Hieda Takahashi Caroline Suemi Ogusuku Fernanda Giorgetti Ragoni Ieda Francischetti Eduardo Federighi Baisi Chagas	
DOI 10.22533/at.ed.2992023066	
CAPÍTULO 7	56
PREVALÊNCIA E PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DE GESTANTES COM OU SEM LESÕES INTRAEPITELIAIS CERVICAIS NO MUNICÍPIO DE FRANCISCO BELTRÃO	
Léia Carolina Lucio Marina Rayciki Sotomayor Indianara Carlotto Treco Janaína Carla da Silva Valquíria Kulig Vieira Angela Khetly Lazarotto Leonardo Garcia Velasquez	
DOI 10.22533/at.ed.2992023067	
CAPÍTULO 8	63
PREVENÇÃO E CONTROLE DE HEPATITES B E C	
Kamila Mayara Mendes Andréa Timóteo dos Santos Dec Margarete Aparecida Salina Maciel Mackelly Simionatto	
DOI 10.22533/at.ed.2992023068	
CAPÍTULO 9	69
PREVENÇÃO E PROMOÇÃO DE SAÚDE BUCAL EM PACIENTES DURANTE O TRATAMENTO ORTODÔNTICO	
Karine Rodrigues Felipe Sandro Seabra Gonçalves Roberta Montello Amaral Samara Kelly de Souza Oliveira Amanda Gonçalves Borges Mônica Miguens Labuto Gláucia dos Santos Athayde Gonçalves João Daniel Blaudt Rogério Vieira de Mello José Massao Miasato	
DOI 10.22533/at.ed.2992023069	
CAPÍTULO 10	86
PROJETO DE INTERVENÇÃO EM UMA UNIDADE ESTRATÉGIA SAÚDE DA FAMÍLIA DE MANHUAÇU-MG	
Mariana Cordeiro Dias Arthur Mendes Porto Passos Carolina Amorim Ribeiro Emilly de Almeida Costa Gabriela Heringer Almeida Gabriela de Oliveira Carvalho Isabelle Vieira Pena	

Larissa Nogueira Paulini Crescencio
Leonardo Soares Vita
Lucas Prata de Oliveira
Patrícia da Mata Huebra
Thiara Guimarães Helena Oliveira Pôncio

DOI 10.22533/at.ed.29920230610

CAPÍTULO 11 94

PROJETO TERAPÊUTICO SINGULAR E SUA INTERFACE COM A FORMAÇÃO MÉDICA

Giovana Lais Penha
Ana Carolina Garcia Braz Trovão

DOI 10.22533/at.ed.29920230611

CAPÍTULO 12 105

QUEBRA DE TABU: O MITO DA MENSTRUÇÃO PARA MENINOS E MENINAS DO ENSINO MÉDIO

Paulo Henrique Azuaga Braga
Vitória Pereira Firmino
Raphael Viana de Paula Leite

DOI 10.22533/at.ed.29920230612

CAPÍTULO 13 117

RECÉM-NASCIDO ICTÉRICO EM USO DE FOTOTERAPIA EM TERAPIA INTENSIVA NEONATAL: PROCESSO CUIDATIVO

Tamires de Nazaré Soares
Cleise Ellen Ferreira Pantoja
Márcia Helena Machado Nascimento
Jessica Veiga Costa
Pedrina Isabel Baia Pinto
Rubenilson Caldas Valois
Hallessa de Fátima da Silva Pimentel
Glenda Roberta Oliveira Naiff Ferreira
Gilvana de Carvalho Moraes
Everton Luis Freitas Wanzeler

DOI 10.22533/at.ed.29920230613

CAPÍTULO 14 128

SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE: UMA FORMA DE GARANTIR A DEMOCRACIA

Sabrina Sgarbi Tibolla
Luiz Alfredo Roque Lonzetti

DOI 10.22533/at.ed.29920230614

CAPÍTULO 15 132

TECIDO ADIPOSEO É O PRINCIPAL COMPONENTE DA COMPOSIÇÃO CORPORAL PARA DISTINGUIR ESTADO NUTRICIONAL EM MENINOS PÚBERES: UM ESTUDO TRANSVERSAL

Ana Claudia Rossini Venturini
Pedro Pugliesi Abdalla
Thiago Cândido Alves
André Pereira dos Santos
Franciane Goes Borges
José Augusto Gonçalves Marini
Vitor Antonio Assis Alves Siqueira
Dalmo Roberto Lopes Machado

DOI 10.22533/at.ed.29920230615

CAPÍTULO 16	147
TRITERPENÓIDES COM ESQUELETO CICLOARTANO DO GÊNERO <i>Combretum</i> E POTENCIAL FARMACOLÓGICO	
Jaelson dos Santos Silva	
Amanda Maciel Lima	
Gerardo Magela Vieira Júnior	
Mariana Helena Chaves	
DOI 10.22533/at.ed.29920230616	
CAPÍTULO 17	159
UMA PROPOSTA PEDAGÓGICA PARA O ENSINO DE BIOMOLÉCULAS ATRAVÉS DO USO DE ROTULAGEM NUTRICIONAL	
Flávia Andréia Fracaro	
Juliana Jardini Brandão	
Hilton Marcelo de Lima Souza	
DOI 10.22533/at.ed.29920230617	
CAPÍTULO 18	168
USO DE PLANTAS MEDICINAIS NO TRATAMENTO DE DOENÇAS RESPIRATÓRIAS	
Núbia Maria de Sousa	
Márcia Maria Mendes Marques	
Janaina Alvarenga Aragão	
Victor de Jesus Silva Meireles	
Francisco Gilberto Fernandes Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.29920230618	
CAPÍTULO 19	180
VACINAÇÃO É IMPORTANTE!	
Felício de Freitas Netto	
Fabiana Postiglione Mansani	
Bruna Heloysa Alves	
Mariane Marcelino Fernandes	
Andrielle Cristina Chaikoski	
DOI 10.22533/at.ed.29920230619	
SOBRE OS ORGANIZADORES	185
ÍNDICE REMISSIVO	187

QUEBRA DE TABU: O MITO DA MENSTRUACÃO PARA MENINOS E MENINAS DO ENSINO MÉDIO

Data de aceite: 01/06/2020

Data de submissão: 03/04/2020

Paulo Henrique Azuaga Braga

Instituto Federal de Mato Grosso do Sul
Campo Grande – Mato Grosso do Sul
<http://lattes.cnpq.br/3509913228405069>

Vitória Pereira Firmino

Instituto Federal de Mato Grosso do Sul
Campo Grande – Mato Grosso do Sul
<http://lattes.cnpq.br/5801178989050869>

Raphael Viana de Paula Leite

Instituto Federal de Mato Grosso do Sul
Campo Grande – Mato Grosso do Sul
<http://lattes.cnpq.br/6373850176190372>

RESUMO: O presente trabalho tem como tema o mito da menstruação para meninos e meninas do ensino médio. O objetivo foi verificar os casos de tabu e a persistência dos mitos da menstruação entre estudantes de ambos os sexos do IFMS campus Campo Grande. Realizamos um estudo observacional com componente analítico, com recolhimento prospectivo de dados, na forma de roda de conversa, o que favorece a emancipação humana, política e social dos adolescentes,

buscando uma análise qualitativa ao mesmo tempo que oferece um protagonismo aos participantes. Definiu-se como população pesquisada os adolescentes estudantes do Instituto Federal de Mato Grosso do Sul, campus Campo Grande. As rodas de conversas foram realizadas no segundo semestre de 2018 e primeiro semestre de 2019. Os resultados foram obtidos por meio de questões semiestruturadas, sendo permitido que os componentes dos grupos de discussão respondessem aos questionamentos da forma que achassem mais conveniente. Após as respostas, poderia haver debate. Os grupos foram separados por sexo, para deixar os adolescentes mais a vontade para discutir a temática. Não houve influência do entrevistador(a), garantindo o anonimato e a confidencialidade dos dados obtidos. Como os participantes não foram identificados, utilizamos M para as alunas e H para os alunos. Definimos como critérios de participação voluntários com participantes de cada turma de cada sexo. Também analisamos os estereótipos criados de ambos os gêneros, das meninas sobre os meninos e vice-versa. Se nossa sociedade não consegue aceitar um evento biológico - menstruação, conhecido e explicado pela ciência, quem dirá assuntos mais complexos como reconhecimento profissional e salários

mais justos. Nosso intuito não é generalizar as situações, pois são meninas e meninos diferentes com histórias diferentes, que, mesmo que tenham sido criados para não falarem sobre o assunto, decidiram conversar sobre

PALAVRAS-CHAVE: Menstruação, adolescência, tabu, mitos, IFMS.

BREAKING TABOO: THE MENSTRUATION MYTH FOR HIGH SCHOOL BOYS AND GIRLS

ABSTRACT: This project has as a theme the menstruation myth for high school boys and girls. The objective was to observe the cases of taboo and the persistence of the menstruation myths among students from both genders from the Federal Institute of Education of Mato Grosso do Sul. We carried out an observation study with an analytical component, prospective data collection, through round tables, which favors human, political and social emancipation of teenagers. The method aims to make a qualitative analysis while it allows participants to be protagonists of the research. The target group is made up of teenage students from the Federal Institute of Mato Grosso do Sul, Campo Grande Campus. The round tables were conducted in the second semester of 2018 and first semester of 2019. The results were obtained through semi-structured questions and the participants of the discussion group were allowed to answer the questions according to their preferences. After the answers, debates were carried out and the groups were separated by gender so that teenagers could be more comfortable to discuss the theme. There was no influence by the interviewer, which granted anonymity and confidentiality of the data collected. As participants were not identified, we use M for girls and H for boys. As a participation criterion, volunteers from each group and gender were selected. We have also analyzed the stereotypes created by both genders – girls about boys and vice-versa. If society cannot accept a biological event – menstruation, known and explained by science, what can we expect from more complex topics, such as professional acknowledgement and fair salaries? Our objective is not to generalize situations, considering there are girls and boys with different backgrounds who, even being raised to avoid the topic, decided to talk about it.

KEYWORDS: Menstruation, teenage, taboo, myths, IFMS.

1 | INTRODUÇÃO

A menstruação baseia-se em um instintivo sangramento natural do útero, onde é liberado através da descamação das paredes internas uterinas. Este período menstrual inclui-se no ciclo reprodutivo da mulher. Quando dizemos “ciclo” significa que é um espaço de tempo durante o qual ocorre, se completa e reinicia, portanto, é um acontecimento corriqueiro na vida feminina, que começa com a Menarca (primeira menstruação) – entre 10 a 15 anos – e termina com a Menopausa – entre 45 e 55 anos e é acompanhado por

modificações endometriais, aspirando a introdução de um embrião. (AMARAL, 2003)

O ciclo menstrual é um evento biológico que ocorre em mulheres saudáveis na qual o atributo eminente é o fluxo sanguíneo vaginal. O ciclo menstrual dura, em média, 28 dias, podendo variar sete dias para mais ou para menos, e pode ser dividido em duas fases: folicular e lútea. A fase folicular inicia no primeiro dia de menstruação e dura até o 14º dia e fase lútea inicia no 15º dia e dura até o início do fluxo menstrual (considerando um ciclo de 28 dias). (TEIXEIRA, 2012)

Tudo começa no sistema endócrino (formado por várias glândulas), as glândulas endócrinas são administradas pelo sistema nervoso, e em especial pelo hipotálamo ou por outras glândulas endócrinas, criando um complexo e sensível procedimento de interligações neuroendócrinas. O hipotálamo, dentre outras funções, é responsável pela coordenação da liberação e bloqueio dos hormônios da hipófise. Os hormônios FSH (Hormônio folículo estimulante e o LH (Hormônio luteinizante têm a função de estimular outras glândulas a gerarem ainda outros hormônios. O FSH e o LH vão diretamente para os ovários e têm a finalidade de colocá-los pra funcionar. Ambos são produzidos o tempo todo, mas cada um tem o período certo para entrar em ação. (FERNANDES, FORTUNATO & CORREIA-PINTO, 2003)

Outros hormônios envolvidos neste ciclo são: estrogênio e progesterona. O estrogênio é o hormônio encarregado pelo comportamento “feminino”, despertando a feminilidade, atuando sobre as células, anatomia e conduta. A tarefa da progesterona é preparar o útero para uma eventual gestação, recebendo o óvulo fecundado e impulsionando a produção de leite. Ela é crucial nos processos de menstruação, fecundação, transporte e implantação do óvulo fertilizado, manutenção da gravidez e lactação. (BARACAT, 2015)

O primeiro dia do ciclo é marcado pelo primeiro dia da menstruação, onde a taxa de estrogênio e progesterona está baixa e há descamação do endométrio. O ovário nesta fase está em descanso. Neste momento, a hipófise começa a aumentar a produção do FSH, que como o próprio nome diz, estimula os folículos dos ovários. Estes folículos começam a produzir estrógeno, conforme os níveis de estrogênio vão crescendo, é selecionado um folículo maduro, que se torna dominante deste ciclo. Os restantes folículos secundários sofrem atresia (param de crescer e degeneram). O estrogênio opera sobre as células endometriais fazendo-as se proliferar, aumentando em número, adquirindo camadas e se tornando mais espessa. (BARACAT, 2015)

O auge de estrogênio nos leva para segunda fase do ciclo, chamada lútea. Neste período de concentração máxima do hormônio já citado, outro hormônio é liberado da hipófise, o LH. Quando a mulher ovula, o óvulo é liberado em direção às trompas, restando apenas o corpo lúteo no ovário, o mesmo prossegue a produção de progesterona, que age inibindo a secreção de LH pela hipófise. Sem hormônios, a parede do endométrio se desestabiliza, não conseguindo mais se sustentar, seu suprimento de sangue é cortado, e ela acaba por desabar, caracterizando a menstruação e reiniciando o ciclo na fase

folicular. (BARACAT, 2015)

O processo demonstrado faz parte da condição biológica da mulher, porém são diversificados e dúbios os significados subjetivos concedidos à menstruação no decorrer do tempo, culturas e povos (BRÊTAS et al., 2012). Julgada como um sacrifício ou indício de impureza, transformou-se em expressão da espiritualidade, maturidade, feminilidade, estando também ligada à fertilidade e sexualidade femininas. Todavia, hodiernamente, este fenômeno importantíssimo para a reprodução está cercado de tabus e mitos, ocasionados pelas convicções comuns das esferas sociais, religiosas e culturais das populações locais. Estes elementos acomodam a aceitabilidade da menstruação e experiências das adolescentes na menarca, referentes às modificações corporais, emocionais e comportamentais habituais. (BRITO, VALE & ZARCOS, 2010)

Esse processo todo se inicia na adolescência que é considerada uma fase de transição e evolução na vida do indivíduo, delineada por transformações biopsicossocioculturais e pelo aparecimento de conflitos relacionados às incertezas e inseguranças, perda do papel infantil, busca de liberdade e de identidade própria. Destaca-se também que a sexualidade é vivenciada no meio familiar de acordo com os valores apreendidos, pois é nesse ambiente que, desde a infância, são construídos e repassados ensinamentos e condutas socialmente aceitáveis, compondo o seu universo simbólico. (VIGARELLO, 1996)

Manter silêncio sobre a menstruação leva mulheres e meninas a: esconder a menstruação de tal maneira que se for vista ou o cheiro exalado for perceptível causa constrangimento, repulsa, vergonha ou crítica; esconder o uso de produtos menstruais, quando são comprados ou transportados; cumprir restrições sociais sem razão de ser durante a menstruação; evitar discutir sobre a menstruação, condicionando falsas informações, que não são corrigidas e os mitos persistem. Mitos como: se uma menina menstruada tocar numa vaca, esta deixará de dar leite; que, se ela tocar em plantas, estas morrerão; ou que, se uma mulher tomar banho quando está menstruada, ficará estéril ou doente. Um estudo sobre 478 jovens em Haryana, na Índia (GOEL e MITTAL, 2011), resultou que 75% não entravam em cerimônias religiosas durante a menstruação, 45% não eram permitidas a entrarem na cozinha e quase 25% tinham restrições na alimentação. Mais de 16% pensavam que a menstruação era sinal do surgimento de uma doença e 7% pensavam que era uma maldição.

A menstruação permanece sendo um assunto tabu na maioria das culturas, comunidades e famílias (AMARAL, 2003). Alguns mitos, como o não tomar banho, não lavar o cabelo, não andar descalço, entre outros, surgiram há décadas e pouco se sabe sobre a sua persistência atual. Considerando que mito são “narrativas lendárias, pertencente à tradição cultural de um povo, que explica através do apelo ao sobrenatural, ao divino e ao misterioso”, são relatos utilizados pelos antigos para justificar situações da realidade e fenômenos da natureza, que não eram compreendidos por eles. (JAPIASSÚ

e MARCONDES, 2011)

A menstruação está aposto às condições psicológicas, sociais e principalmente culturais, e não somente ao processo fisiológico. Nesse sentido cada mulher significa a menstruação a sua maneira, tendo um sentido individual para cada mulher. Portanto, a mulher convive com duas percepções distintas da menstruação, a própria e a outra influenciada pelos mitos e tabus da sociedade. (SHINOHARA, BEZERRA E TAKAGI, 1994)

Este trabalho tem o intuito de verificar os mitos, analisando os focos de falsas informações e tabus em âmbito escolar. É preciso discutir sobre isso. “Um número significativo de adolescentes não se encontra preparado para este evento, ainda que a maioria procure informar-se sobre este tema previamente.” (BRITO, VALE & ZARCOS, p.07, 2010). Muitos adolescentes têm um conhecimento muito raso sobre este tema. A vergonha leva à ignorância.

Se a ciência moderna é indispensável para o próximo século, é bom iniciarmos o diálogo mulher-ciência-mídia sobre o futuro da feminologia. Masculinizar a mulher para resolver os desconfortos menstruais pode ser tão perigoso quanto oferecer progesterona aos homens para tratar os desvios de paternidade tais como o abandono de filhos ou ausência de instinto protetor à família (BERENSTEIN 2001, p. 44).

Sendo que o objetivo deste trabalho foi verificar os casos de tabu e a persistência dos mitos da menstruação entre os estudantes de ambos os sexos do IFMS campus Campo Grande.

2 | METODOLOGIA

Efetuamos um estudo observacional com componente analítico, com recolhimento prospectivo de dados, na forma de roda de conversa, que favorece a emancipação humana, política e social dos adolescentes e busca uma análise qualitativa ao mesmo tempo que oferece um protagonismo aos participantes.

Definiu-se como população pesquisada os/as adolescentes estudantes do Instituto Federal de Mato Grosso do Sul, campus Campo Grande, as rodas de conversas foram realizadas no segundo semestre de 2018 e primeiro semestre de 2019. Os resultados foram obtidos por meio de 05 questões semi-estruturadas, sendo permitido que os componentes dos grupos de discussão, respondessem aos questionamentos da forma que achar mais conveniente, após as respostas poderia haver debate, os grupos foram separados por sexo, para deixar os adolescentes mais a vontade para discutir a temática. Não houve influência do entrevistador(a), garantindo o anonimato e a confidencialidade dos dados obtidos. Como os participantes não serão identificados, será utilizado M para as alunas e H para os alunos. Definiram-se como critérios de participação, um menino e uma menina voluntários de cada turma da escola.

3 | RESULTADOS E ANÁLISE

A menstruação não é simplesmente um fato natural, mas um fato social, marcado pela cultura e idealizações construídas no decorrer das épocas sobre os corpos femininos, e particularmente sobre a menstruação, inseridas num contexto social e cultural mais amplo. A vergonha, a cautela e acanhamento estão ligados a marca da feminilidade. A Menarca é a primeira menstruação que encaminha a menina para a função reprodutora. A falta de diálogo e educação sexual faz com que a menarca seja um assombro vivido, na maioria das vezes, no medo e na vergonha (FÁVERI, 2007). Como nos casos analisados:

Entrevistadora: *“Como foi sua primeira menstruação?”*

M1: *“Eu só fiquei lá, pensei que eu estava morrendo. Hemorragia, alguma coisa.”*

Entrevistadora: *Mas sua mãe já tinha mostrado os absorventes para você?*

M1: *“Não, nunca”*

M9: *“Eu tinha apenas 9 anos quando aconteceu, eu acordei e tava tudo sujo, minha cama tava toda suja, eu acordei e pensei que ia morrer.”*

M10: *“Eu fui no banheiro e aí eu falei ‘Meu Deus, eu me cortei’ porque tinha muito, muito sangue, acho que eu tinha 11 anos e a minha mãe não tava em casa.”*

Em um total de 16 meninas, apenas uma afirmou que sua menarca foi um evento tranquilo. E metade das meninas presentes nas rodas de conversas não sabiam o que era menstruação antes da menarca. Como visto nos casos abaixo:

Entrevistadora: *“Você não sabia o que era menstruação?”*

M2: *“Não.”*

Entrevistadora: *“Ninguém tinha te falado?”*

M2: *“Nada. Aí depois de muito, muito tempo eu falei pra minha mãe, no dia, depois de horas ela falou ‘fica aí no banheiro’ aí ela veio com um absorvente né, ela me ensinou a colocar e não falou nada, não falou que ia vir de novo, eu pensei ‘ah nunca mais vai acontecer.’”*

M12: *“Eu tinha nove e minha mãe nunca tinha conversado comigo sobre isso.”*

Apenas uma menina afirmou ter vivenciado a menarca de forma normal.

M7: *“Ah, o meu foi bem de boa, tava deitada dormindo, minha mãe já tinha me explicado”.*

E no grupo dos homens:

Entrevistador: *“O que sabe sobre menstruação?”*

H3: *“Não sei nada, minha mãe até escondia os absorventes dela e deixava fechadinho”*

com medo d'eu ver."

A cultura da menstruação está delineada quase sempre nas relações de segredo entre mãe e filha (FÁVERI, 2007).

M11: "Às vezes a mãe bota na sua cabeça, 'filha esconde, não mostra pra ninguém, isso é feio', e aí fica na sua cabeça martelando, é feio, é feio. Às vezes eu gritava 'mãe traz um absorvente pra mim' e ela ficava tipo 'Tem um homem aqui'".

M14: "*Eu acho que é muito da criação, porque sempre isso foi visto como uma coisa imunda, é um sangue sujo, mas é uma coisa normal. a gente tem essa vergonha por todo um contexto social, todo um machismo.*"

M5: "*Tem muito tabu em relação à algumas meninas mesmo, tem muita família, tipo, que não conversa sobre, a menina acaba se sentindo meio que envergonhada, só que muito mais envergonhada do que uma menina que conversa com a família sobre. Ela fica 'ah ninguém da minha família pode saber, meu pai não pode saber que eu tô menstruada, meus irmãos também não'.*"

A falta de informação é perceptível tanto nas reuniões femininas quanto masculinas.

Entrevistador: "*O que você sabe sobre menstruação?*"

H1: "*Bom, eu não sei o que falar, não tenho noção nenhuma.*"

Entrevistador: "*Quanto vocês acham que as mulheres menstruam durante o período menstrual?*"

H2: "*Eu acho que as meninas menstruam de 1 à 5 litros.*"

H3: "*5 não, mas eu acho que uns 2.*"

H4: "*500ml.*"

H5: "*300ml.*"

H6: "*Deve ser uns 300 a 500ml, porque quando acontece, toda a perna dela fica suja e se tiver de calça, a calça fica toda manchada na parte da perna.*"

Ante as exposições surgiram várias ideias e mitos misturados às percepções das mulheres sobre o que acontece com o próprio corpo quando entram em contato com certos tipos de alimentos ou quando se pratica alguma ação. É possível perceber esses mitos sendo retratados novamente na fala dos meninos.

Entrevistadora: O que você já ouviu sobre a menstruação?

M3: "*Você não pode comer manga.*"

M6: "*Você não pode tomar café.*"

M16: "*Você não pode tomar refrigerante.*"

M11: "*Não pode tomar suco de limão.*"

M2: *“Não pode andar descalço.”*

M7: *“Não pode molhar o cabelo.”*

E no grupo dos homens:

Entrevistador: *“Vocês acham que realmente a mulher não pode fazer alguma atividade ou algo por estar menstruada?”*

H3: *“Olha, pelo que me falaram ela não pode lavar a cabeça, senão o sangue sobre pra cabeça e ela pode morrer.”*

H7: *“Eu não acredito nisso, nada dessas coisas fazem sentido.”*

H4: *“Falaram que elas não podem tomar banho de piscina, tomar banho gelado, lavar a cabeça, entre outras coisas. Eu não sei, então não vou falar.”*

H6: *“Sinceramente, eu não sei.”*

H1: *“Olha, eu nem sei nada de menstruação.”*

A noção do que é sujo ou limpo é produzida na cultura (VIGARELLO, 1996). A análise das nossas entrevistas reproduzem representações da menstruação coladas à noção de sujeira, e isso remete a uma lógica ampla de entender o corpo feminino como sujo. Para justificar esse sentido atribuído ao mênstruo, algumas argumentam que sentem um odor desagradável, percebemos que o tal odor produz sentimentos de aversão nessas meninas. Em 16 meninas, apenas uma sabia explicar a real razão para o cheiro da menstruação.

M4: *“Esses dias eu estava na cantina, de repente veio aquele cheiro e eu, que cheiro é esse?. E eu fico meio sem saber, e quando vem assim, aí eu fiquei, ‘nossa que cheiro é esse?’ Aí quando eu fui ver tava tudo manchado, a cadeira, a minha calça, ‘e agora gente? Como é que eu vou embora?. Meu Deus que vergonha’.”*

M5: *“Incomoda. O cheiro é ruim.”*

E, aqui, estabelece-se uma relação de poder afirma Fáveri (2007), posto que as mulheres se diferenciam dos homens na medida em que elas aprendem que devem temer o olhar deles, esconder, recluir. Essa maneira de construir papéis pode ser uma maneira de estabelecer relações de poder: às moças cabe a vergonha do corpo, o medo do olhar dos homens. Observação também obtida em algumas respostas:

M3: *“É uma forma deles rebaixarem a gente, dizendo que não é normal, eu acho que eles sentem nojo.”*

M4: *“Os meninos eles são meio que criados numa sociedade machista que é a que a gente vive, e os pais deixam e o menino não vê que é uma coisa normal, tem muito menino que fica com nojo de menina, ‘ah tô Menstruada’ o menino nem chega perto. ‘Ah não essa fulana é nojenta’.”*

M10: *“Meu pai ficou incomodado, todo homem se você fala, vai lá comprar absorvente no mercado, ele já fica, hum vou lá comprar absorvente o que os caras vão pensar de mim?”*

M7: *“Meu pai é tipo, ‘Só vou pagar, você pega e eu pago’.”*

M15: *“Eu já tive namorado que tinha nojo da minha menstruação.”*

H1: *“Olha eu acho que não transaria com a menina menstruada. Imagina, você está lá e tals, daí começa a jorrar sangue e sua barriga fica toda cheia de sangue, que nojo!”*

A adolescência é uma fase marcada pela busca de uma identidade adulta, mas não somente isso, para Brêtas *et al.* (2011) o adolescente inicia o processo de resolução de sua identidade sexual, que são as características mentais do sexo que lhe corresponde. Ao relacionarmos a menstruação com o sexo, obtivemos algumas falas que estão de acordo com esse assunto, como:

M5: *“Meu namorado não vê problema em transar quando eu tô menstruada.”*

H11: *“Eu faria sim, é só um lençol, ‘f...-se’. Se ela está com vontade e eu também, eu super faria.”*

Mas também, houve discordância:

H2: *“Acho que não, vai que machuca ela ou algo do tipo, por ela já estar sangrando e tal, imagina fica pior.”*

H7: *“O assunto da menstruação não é banal, mas a partir do momento que começamos a entrar em sexo, fica banal.”*

Quando reflete sobre a gênese dos tabus que envolvem a menstruação, considera-os propositadamente criados pelo homem para salientar o fato de que a mulher é inferior e deve, portanto, ser separada do seu meio social durante o período em que menstrua. (AMARAL, 2003). Mas vimos controvérsia nas falas dos garotos e também das garotas:

Entrevistador: *“Como vocês se sentem sabendo que ela irá menstruar todo mês?”*

H1: *“Não muda nada.”*

H2: *“Não muda muita coisa.”*

H3: *“A gente acostuma, né? A gente que está sempre convivendo.”*

H4: *“É incrível como minha mãe age naturalmente tipo ela está conversando comigo e colocando o absorvente.”*

100% das meninas afirmaram que os homens preferem comprar camisinhas do que absorventes.

H5: *“Eu acho normal, acho mais vergonhoso comprar caminha do que absorvente.”*

Homens não nascem prontos, não nascem violentos, nem saem da barriga da mãe sedentos de poder, nem dispostos a “comer todas” usando o sexo como arma contra as mulheres. Os homens são ensinados, dia a dia, em nossa sociedade, a serem assim. [...].

“Por outro lado, essa mesma constatação – os homens são assim porque foram educados para serem assim – nos permite pensar em modos de mexer na equação, buscando um regime de equidade de gênero, uma situação em que homens e mulheres possam conviver com distribuição igualitária de poder.” (SEFFNER, p.16, 2008).

4 | CONSIDERAÇÕES

A menstruação foi retratada como um lugar desconhecido onde a mulher está estabelecida e o homem de modo algum adentra. A mulher apropria-se disso como verdade e edifica suas fortalezas, expondo-as exclusivamente para outros indivíduos do mesmo sexo. Notou-se que as entrevistadas exibiam suas experiências pessoais de forma clara e natural nas rodas de conversa. Ao final das rodas, todas retiravam-se eufóricas, carregando em si um forte sentimento de sororidade – como se o lugar onde elas se sentissem à vontade para trocar experiências, bagagens e emoções, as unissem.

Essas meninas demonstraram através de suas vivências que a menstruação é um fato segredo entre as mulheres, visto que elas aprenderam dentro de casa que não deveriam conversar sobre, nem mesmo apresentar objetos que se remetiam ao sangramento. E dado a este silêncio, a persistência de mitos é tão real quanto a falta de educação sexual dentro do âmbito familiar, considerando que houveram menções de alguns mitos, como o de comer limão, manga, lavar o cabelo.

A partir disso, é notável que a ausência de informação é a principal causadora de acontecimentos desconfortáveis durante o período menstrual, porquanto poderiam ter sido evitados, principalmente, no momento da Menarca - primeira menstruação. Por essa razão, se faz crucial o compartilhamento prévio de indicações e conhecimentos, capacitando a menina a agir de forma confiante e natural diante a Menarca.

É importante ressaltar que é a sociedade que contribui para o desenvolvimento da noção do que é limpo e do que é sujo através da cultura, e lamentavelmente, a mentalidade das pessoas, ainda hoje, é que o mêstruo está, na maioria dos casos, ligado à sujeira. Quando se trata de menstruação, infelizmente, os meninos também são influenciados por essa noção. Como visto anteriormente, um garoto respondeu que não faria sexo com a namorada menstruada por nojo.

A ignorância por parte dos meninos está ligada diretamente à falta de informação e contato com o assunto e todos os fatos sociais que o cercam. Notou-se, na entrevista masculina, um amplo conhecimento em relação a termos biológicos do assunto, porém quando eram levantados pontos, partindo para o campo da aplicação social, a maioria deles se embaraçavam por não saber agir diante de algumas situações citadas. Houve muito constrangimento, sempre acompanhado de um: “Por quê?”, “Como assim?”, entre outras perguntas, demonstrando a falta de contato com o assunto, na vida real. Um exemplo disso pode ser notado quando foram questionados sobre a questão da quantidade que

uma mulher menstrua em seu período menstrual, as respostas variaram de 300, 500ml até um que disse “...menstruam de 1 à 5 litros”, as informações são muito superficiais e insuficientes.

Quando um menino diz que acha incrível como sua mãe conversa com ele e troca o absorvente na sua frente, é possível compreender que o homem não nasce com princípios machistas, mas ele é moldado pela sociedade onde vive. Por isso, constata-se que o ambiente familiar é um dos mais importante para a propagação e persistência desse tabu e desses mitos.

Se hoje, compreendermos que uma mulher não precisa esconder sua natureza, estaríamos um passo a mais em direção a uma sociedade mais igual. Em contrapartida, se influenciarmos as meninas a esconderem a todo custo o seu sangramento periódico - que é algo totalmente natural -, estaríamos dizendo que toda luta por direitos equânimes durante a história foi banal.

Se nossa sociedade não consegue aceitar um evento biológico, conhecido e explicado pela ciência, quem dirá assuntos mais complexos como reconhecimento profissional e salários mais justos.

Se queremos uma sociedade igualitária, é necessário antes de tudo sermos uma sociedade que compreende as diferenças.

Não queremos tentar universalizar o fato de que a menstruação é confidencializada ou ridicularizada, mas observar que mesmo com a diminuição do tabu acerca da menstruação, ainda há uma boa parte da sociedade que hesita em debater e questionar os mitos sobre o assunto, principalmente em ambiente familiar e escolar. Sendo assim, verificamos através deste trabalho a necessidade de oficinas e reuniões para discussão sobre a menstruação e os fatores que a cercam.

Também analisamos os estereótipos criados de ambos os gêneros, das meninas sobre os meninos e vice-versa. Nosso intuito não é generalizar as situações, pois são meninas e meninos diferentes com histórias diferentes, mesmo que tenham sido criados para não falarem sobre o assunto, decidiram conversar sobre.

Se quebramos o tabu? Bom, debater já é uma quebra...

REFERÊNCIAS

AMARAL, Maria Clara Estanislau do. **Percepção e significado da menstruação para as mulheres**. Campinas, SP: [s.n.], 2003.

BARACAT, Edmund Chada. **Manual de Ginecologia Endócrina** - São Paulo: Federação Brasileira das Associações de Ginecologia e Obstetrícia (FEBRASGO), 2015.

BERENSTEIN, Eliezer. **A inteligência hormonal da mulher**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

BRÊTAS, José Roberto da Silva; TADINI, Aline Cássia; FREITAS, Maria José Dias de e GOELLNER Maila Beatriz. Significado da menarca segundo adolescentes. *In Acta Paul Enferm.* 2012

BRITO, Sara Duarte; VALE, Beatriz Maia; ZARCOS, Maria Manuel. **ADOLESCENTES: MENSTRUÇÃO - REALIDADES E MITOS**. In Serviço de Pediatria (SP) do Centro Hospitalar Leiria – Pombal, Hospital de Santo André (Urgência e Consulta externa), 2010.

FÁVERI, Marlene de; VENSON, Anamaria Marcon. Entre vergonhas e silêncios, o corpo segredado. Práticas e representações que mulheres produzem na experiência da menstruação. In **Anos 90**, v. 14, n. 25, p.65-97, Porto Alegre, jul. 2007.

FERNANDES, João Soares; FORTUNATO, JM Soares; CORREIA-PINTO, Jorge. **Fisiologia do sistema reprodutor feminino**. Universidade do Minho, 2003.

JAPIASSÚ, Hilton e MARCONDES, Danilo . **Dicionário básico de filosofia**. 3ª edição revista e ampliada. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro, 2001.

SEFFNER, Fernando. Gênero, sexualidade, violência e poder. In **Educação para a igualdade de gênero**. Ano XVIII - Boletim 26 - TV Escola. Novembro, 2008.

SHINOHARA, Márcia Yuri. BEZERRA, Lucila Coca. TAKAGI, Ângela Megumi. Conceitos de mulheres sobre sua menstruação. In **Rev. Bras. Enferm.**, Brasília. v.47, n.2, p.1 95-205, abr./jun. 1994

VIGARELLO, Georges. **O limpo e o sujo**. Tradução Mônica Stahel. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Acanthamoeba Spp. 23, 24, 25, 26, 27, 28
Adolescência 8, 106, 108, 113, 136, 137, 141
Atenção Primária 87, 93, 102, 104
Autópsia 11, 12, 13, 20

B

Bilirrubina 118, 119, 121, 122, 123, 124

C

Câncer De Colo Uterino 56, 60
Choque Medular 30, 31, 33, 34, 35
Combretaceae 147, 148, 149, 150, 156, 157, 158
Combretum 147, 148, 149, 150, 152, 154, 156, 157, 158
Composição Corporal 132, 134, 135, 145, 185
Consumo Alimentar 1, 2, 9, 10
Cultura 23, 25, 26, 110, 111, 112, 114, 169

D

Depressão 36, 38, 39, 42, 43, 44, 45, 46, 48, 49, 51, 52, 53, 54, 55
Desinstitucionalização 95
Diabetes 3, 6, 141, 145, 147, 148
Dieta Saudável 1
Doenças Respiratórias 168, 169, 170, 171, 172

E

Educação Médica 94, 103, 179
Enfermagem 10, 23, 28, 35, 40, 46, 54, 63, 88, 99, 104, 117, 118, 120, 121, 122, 124, 125, 126, 127, 130, 132, 133, 168, 177, 178, 179
Epidemiologia 22, 68, 130

F

Fototerapia 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127

G

Gestação 57, 58, 62, 88, 90, 107

H

Hepatites Virais Humanas 64, 65

Higienização 23, 25, 26, 28, 69, 72, 73, 75, 76, 82, 119

HPV 56, 57, 58, 60, 62, 90

I

Icterícia Neonatal 118, 119, 121, 122, 123, 127

Infecções Sexualmente Transmissíveis 87, 91, 92

L

Lesão Intraepitelial Cervical 58

M

Menstruação 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116

Mortalidade 11, 12, 13, 14, 18, 22, 25, 65, 178

N

Neoplasia 11, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 62

O

Odontologia 69, 71, 73

P

Plantas Medicinais 149, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179

Politrauma 33, 35

Potencial Biológico 147

R

Rotulagem Nutricional 8, 159, 163, 166, 167

S

Saúde Bucal 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 78, 79, 81, 82, 83, 84

Saúde Mental 36, 37, 39, 44, 52, 53, 54, 94, 95, 96, 97, 100, 102, 103, 104

Saúde Pública 8, 9, 10, 20, 21, 22, 28, 29, 40, 62, 63, 64, 128, 129, 167, 168, 180, 181

Sífilis 87, 88, 89, 90, 91, 92, 147, 148

T

Tecido Adiposo 132, 133, 135, 136, 138, 139, 140, 142, 143

Técnicas De Laboratório 64

Terapia Intensiva Neonatal 117, 118, 120

Traumatismo Raquimedular 30, 31, 32, 35

Triterpenoides 147, 148, 149, 150, 151, 152, 154, 156

V

Vacinação 63, 64, 66, 67, 68, 180, 181, 182, 183, 184

Ventosaterapia 36, 37, 38, 39, 40

 **Atena**
Editora

2 0 2 0